

## DISCURSO DE POSSE.

Des. Bento Herculano Duarte Neto

“Espero que o ânimo de fazer justiça nunca me abandone, pois ele é indispensável ao papel que passarei a cumprir, de hoje até o final da carreira que ora abraço. Rogo a Deus que me ilumine nessa difícil missão de julgar”. Esse foi o pedido de um jovem de 23 anos, ao falar em nomes daqueles que tomavam posse como juízes substitutos, no ano de 1990.

A caminhada tem sido longa e árdua, mas também proveitosa. O melhor de tudo é ter a chance de poder servir. Isso dá a força para enfrentar as dificuldades e incompreensões.

Quero, em um momento tão importante de minha vida, compartilhar com vocês algumas poucas reflexões.

Primeiro, vamos falar um pouquinho da Justiça do Trabalho, essa instituição criada em 1941, na Constituição Federal desde 1946, que ultimamente, me desculpem a expressão popular, tem apanhado mais do que mulher de malandro.

Pra que serve a Justiça do Trabalho? Quem tem medo da Justiça do Trabalho? Pra responder, torna-se imperioso estabelecer algumas verdades, por consequência desmentindo algumas inverdades. Nos tempos de *fake news*, alguns insistem na tática de Goebels, ministro da propaganda de Hitler, cujo lema era: uma mentira repetida vira verdade.

Definitivamente, a Justiça do Trabalho não é uma Jaboticaba. Existe, apenas ficando nos países do primeiro mundo, na Inglaterra e no Reino Unido, na França, na Espanha, na Austrália, em Israel, na Suécia, na Noruega, na Finlândia, na Nova Zelândia, em Hong Kong. Na Alemanha, principal economia da Europa, o sistema é idêntico ao do Brasil. Na América Latina, há Justiça do Trabalho na Argentina, no México, na Colômbia, no Peru, e em todo canto. No Chile, Pinochet a extinguiu mas o governo democrático a recriou, pois viu que era melhor com ela.

O número de demandas trabalhistas é grande; é verdade, mas segundo o CNJ eram apenas 6,9% dos processos judiciais em tramitação no país. Esse percentual certamente caiu, com a redução decorrente da reforma trabalhista. No Brasil há muito processo em todo canto; em todas as justiças. O STF chegou a ter 160.000 processos por ano; hoje recebe 40.000, o que ainda é um dado assombroso. Há de se investigar as causas dessa verdadeira guerra civil judiciária. Seriam a lei de Gerson e a cultura da

litigiosidade as duas principais razões? Quem nunca teve vontade de processar uma operadora de telefonia celular, por favor levante aqui a mão. (vejam que ninguém levantou). Tem um povo chato que do Estadão que faz 3 anos que me liga diariamente querendo que eu renove a minha assinatura. Não sei mais o que fazer. Bloqueio mas eles trocam de número. Elimine a causa que o efeito cessa. Não é extinguindo o meio de solução que se elimina o conflito preexistente. E, tenham a certeza, essa estória de que o Brasil tem quase todos os processos trabalhistas do mundo não passa de mais um ataque dissociado da verdade.

Outra falácia sem sentido, diz respeito à afirmação de que a Justiça do Trabalho custa mais do que distribui em direitos. Primeiro, Justiça é um serviço público, não tem finalidade lucrativa. É como a polícia, um hospital ou uma escola pública. Justiça é cidadania. Mas ainda assim, para mais uma vez repor a verdade, segundo o CNJ, em 2017 (os dados são de 2017 pq são os mais recentes dados oficiais disponíveis) foram pagos 26 bilhões de reais aos usuários da Justiça do Trabalho, muito mais que o seu custo. E o que falar dos bilhões arrecadados em favor da União através de custas, imposto de renda e, principalmente, de contribuição previdenciária. A Justiça do Trabalho é a que mais arrecada para o INSS, só em 2017, conforme o CNJ, foram 3 bilhões. Sem ela, os sonegadores vão fazer a festa.

Mas claro que também é hora de fazer uma autocrítica.

Embora, a afastar outra mentira, a de que o empregado sempre ganha, apenas 2% das ações sejam julgadas totalmente procedentes – os dados são oficiais, é claro que alguns colegas muitas vezes extrapolam, mas tanto para um lado como para o outro. O juiz do trabalho que se imagina Robin Hood está completamente equivocado, pois não é essa a sua função. Todos nós temos nossa ideologia, mas o ato de julgar há de ser técnico. A justiça é do Trabalho, e não apenas do trabalhador ou apenas do empregador. É dos dois. Daquele que se dedica e passa o dia suando pra ter o sustento de sua família ao final do mês – e são 12 milhões de desempregados em nosso país – um dado lamentável. Mas também é do empreendedor, que luta contra a burocracia e a carga tributária escorchantes – por muito menos Tiradentes se revoltou. Quem gera empregos de forma honesta e com preocupação social há de ser aplaudido de pé. Não é fácil empreender no Brasil.

Como disse o ministro Dias Toffoli, há exatos 10 dias, aqui mesmo em Natal e no TRT, quando veio prestigiar a posse de meu amigo Rebouças no TJ, “em país com

tantas desigualdades, a Justiça do Trabalho torna-se imprescindível na mediação de conflitos”.

Encerro a primeira parte de minha fala com algumas firmes convicções, relacionadas ao mundo do trabalho.

Primeiro, como disse João Paulo II, o trabalho é uma dimensão essencial de nossa existência, pelo que há de ser protegido. Sem trabalho e sem proteção ao trabalho não há que se falar em dignidade da pessoa humana. Não se pode esquecer que o direito do trabalho, tal qual o direito do consumidor, parte da premissa de que o mais fraco na relação jurídica necessita de proteção. É a igualdade material pregada por Aristóteles e por Pitágoras. Por outro lado, pelas palavras de Alan Supiot, é preciso falar e agir o trabalho, na sociedade contemporânea, como mero sinônimo de recursos humanos.

Segundo, uma legislação moderna ajuda, sim, na geração de empregos. Mas o que, realmente, cria empregos, é crescimento econômico.

Terceiro, o caminho para a evolução das relações é a solidariedade. Há de se entender que sem capital não há trabalho, e sem trabalho não há capital. Pode se pensar que falo uma utopia, mas já fui empregador - de muitos - e atualmente sou de poucos - e sei como é difícil sê-lo. Mas também já fui empregado no setor privado, em escritórios de advocacia, em universidade e em sindicato de trabalhadores, e sei como é duro se sentir explorado. Mas também sei que é possível uma relação de parceria.

Mas vamos para a segunda parte de meu discurso, relacionada às metas de nossa gestão. Nossa, pois não pretendo nem serei gestor individual. Aliás, bom governo é aquele que é governo de leis e não governo de homens, pelo que já adianto que irei preservar todas as boas práticas que já acontecem em nosso Regional, e não foram poucas, implantadas pela gestão comandada pela Desembargadora Auxiliadora Rodrigues, que levou muito a sério a máxima da gestão por competência, conforme orientado pelo Conselho Nacional de Justiça.

Quase mudava o que vem agora, pois na missa de hoje pela manhã, coincidentemente, o padre Valtair disse exatamente o que vou dizer no parágrafo seguinte. Mas quem lá estava, tenha certeza, não estou a imitar o padre, pois o discurso já estava escrito. Tenho como testemunhas os servidores de meu gabinete.

No mapa estratégico do nosso TRT, fixado para o período de 2015 a 2020, estabeleceu-se como missão “promover justiça, no âmbito das relações de trabalho, com celeridade, eficiência e efetividade, contribuindo para a paz social e o fortalecimento da cidadania”. Os valores que elegemos foram: acessibilidade, celeridade, efetividade,

ética, impessoalidade, inovação justiça, qualidade, responsabilidade socioambiental, solidariedade, transparência e valorização das pessoas. Esse mapa será a bússola de nossa gestão, ciente da responsabilidade de, no crepúsculo de nosso mandato, fazer o novo mapa, para os 6 anos subseqüentes.

Teremos foco em nossa principal missão: servir à sociedade, pois, afinal, somos todos servidores públicos, desde o presidente até o mais humilde servidor do Tribunal. Queremos que a JT do RN notabilize-se por ser uma justiça rápida, eficiente, moderna e transparente. Não à toa, dentre as modificações que implantaremos está a criação da divisão de governança corporativa, um *compliance*, que já providenciamos existir em nosso TRT a partir de amanhã. Tenham a certeza que a austeridade no trato da coisa pública será uma marca de nossa gestão. E não me afastarei, jamais, da palavra impessoalidade, sendo um juiz também quando administrador.

Dentro da premissa da necessidade de uma gestão técnica, para que seja eficiente, iremos delegar aos gestores as indicações daqueles que ocuparão funções comissionadas, pois são eles, muito melhor do que eu, que saberão dizer quem mais colabora no bom funcionamento do seu setor. Alguém uma vez me disse, quando confidenciei a idéia: você irá perder poder, ao que respondi: não estou atrás de poder, mas de bem servir, de olhar para um tribunal verdadeiramente eficiente; agora, cobrarei resultados dos nossos gestores.

Também quero aqui, de público, garantir que procurarei fazer uma gestão compartilhada, democrática, pois sem isso torna-se impossível alcançar um resultado venturoso.

Para tanto, tenho a mais absoluta certeza que contarei com a valiosíssima colaboração da desembargadora Perpétua, nossa vice-presidente, pessoa de quem privo a amizade e a intimidade há mais de 30 anos, desde a minha pós-adolescência, por muitos anos minha vizinha, que tem uma experiência e uma inteligência conhecida por todos. Perpétua, prepare-se para ouvir, vez por outra, um pedido de socorro, como tantas vezes já o fiz, buscando em você uma conselheira.

Aos meus colegas do Pleno, também tenho a certeza que vocês não me faltarão. Aqui eu vou imitar: o nosso regime é o de semi-presidencialismo. O Pleno é a voz mais alta e quase todos os colegas já dirigiram nosso Tribunal, logo não seria inteligente, de minha parte, abrir mão de suas experiências.

Aos colegas magistrados de primeiro grau, peço paciência e colaboração, e, repito, tenham a certeza que iremos gerir o tribunal de forma impessoal, conforme

normas preestabelecidas e no compasso da valorização da magistratura. Informo que a partir de amanhã nosso Tribunal terá a divisão de apoio aos magistrados, nos termos da CAMIN do TST, encarregada de dar suporte aos juízes em suas necessidades funcionais, liberando-os para que possam melhor se dedicar à difícil missão de julgar.

Não posso também deixar de registrar a confiança que deposito na escolha de meus juízes auxiliares, Simone Jalil na presidência e Luciano Athayde na Corregedoria. Tenho a plena convicção que vocês farão a diferença.

Por derradeiro, quero enaltecer a qualidade e o empenho do nosso corpo de servidores. O nosso tribunal é um tribunal pobre em número de servidores, mas riquíssimo na qualidade e na dedicação deles. Sem vocês, nem eu nem ninguém jamais conseguiria fazer uma boa gestão. Temos que sonhar juntos, e realizar juntos, pois somente assim o sonho vira realidade.

E vamos à terceira e última parte de nossa fala. Adianto, para a alegria de todos, que é a parte menor, portanto acabo já já. Porque discurso longo ninguém merece.

Irei, aqui, expressar algumas reflexões e convicções pessoais.

A primeira delas e, talvez, a mais importante, é que a vida é uma passagem; ser desembargador é a passagem da passagem; ser presidente de um Tribunal é a passagem da passagem da passagem. Mas faz parte de minha carreira e não poderia deixar de aceitar o desafio, que encaro como missão.

Assim, de plano reafirmo o que disse por ocasião de minha posse como desembargador: na presidência do TRT hei de ser sempre o mesmo Bento de sempre, entendendo as minhas limitações e buscando, acima de tudo, ouvir para aprender e fazer o melhor. As portas de meu gabinete estarão sempre escancaradas para todos: para magistrados, servidores, advogados, jurisdicionados. Como Presidente do Tribunal terei a mesma forma de agir daquele rapaz que tomou posse como juiz substituto há 30 anos. Meu pai foi filho de um agricultor que vivia num sítio localizado em um distrito no pobre agreste pernambucano. Ele ia pra escola com os sapatos na mão para não gastar o solado. Tornou-se um dos médicos de maior êxito de nosso estado. Foi o homem mais humilde que conheci. Ao lado da honestidade, da presteza e da capacidade de trabalho, a humildade foi a sua grande marca. Aqui há vários que podem isso testemunhar. Um filho de Manoel Duarte não pode ter soberba; pois seria inglório para com a sua memória.

Segundo, tenho a profunda consciência da minha responsabilidade no cargo que assumo: afinal, a justiça, ao lado da prudência, da temperança e da fortaleza, é uma das

4 virtudes ditas cardeais, virtudes centrais, fundamentais, orientadoras. É o mesmo que virtudes morais, como os alicerces da casa. A quaternidade, para Jung, é símbolo da perfeição.

Afinal, antes de tudo, sou juiz. E juiz, como disse Calamandrei, “é o direito tornado homem. É o guarda e a garantia de tudo quanto de mais caro se tem no mundo. Nele se saúda a paz do lar, a honra e a liberdade. A vida de um homem, a felicidade de uma família inteira depende de seu resultado. O juiz pode, como mago de fábula, o poder sobre-humano de fazer no mundo do direito as mais monstruosas metamorfoses e de dar às sombras as aparências eternas de verdade”.

Terceiro, sei da precariedade da condição humana. Vou tentar sempre acertar, mas sei que muitas vezes vou errar. Mas tenham a maior das certezas: quando errar não será de propósito e terei a humildade de reconhecer o eventual erro e consertá-lo.

Quarto, lembro de Guimarães Rosa, ao dizer que a vida exige coragem. E não me faltará coragem para ousar, quando assim for necessário, para evoluir, para modernizar o Tribunal, seja na gestão de processos, seja na eleição para os cargos de diretor da escola judicial e de ouvidor, etc. Pelas palavras de Khalil Gilbran, “dizem que antes de um rio entrar no mar, ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada que percorreu, para os cumes, as montanhas, para o longo caminho sinuoso que trilhou através de florestas e povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto, que entrar nele nada mais é que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Voltar é impossível na existência. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. Somente ao entrar no oceano o medo irá desaparecer, porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano”.

Mas sei que já me alonguei, e antes que alguém cochile, se é que não já gente cochilando, preciso agradecer.

A Deus, antes que tudo.

Aos servidores de meu gabinete, mais que colegas de trabalho, amigos verdadeiros que estarão me acompanhando, todos, na nova jornada. Também quero agradecer a todos os meus amigos que aqui estão.

E, claro, à minha família. Pra mim, depois de Deus, nada é mais importante do que a minha família.

Meus irmãos, na infância foram muitas as brigas. Paulo, Fluminense, Monte Neto, Flamengo; eu, Vasco, o melhor de todos (é muita coragem dizer nos dias atuais né?). Se Monte Neto ousasse dizer que Zico era melhor que Roberto Dinamite o pau

cantava. Paulo ABC e eu América. Minha irmã colocava talco no chão do quarto pra flagrar algum irmão querendo xeretar na sua ausência. Mas sempre nos amamos e nunca houve intriga entre nós.

Meus sobrinhos, tão queridos, Vitor e Júlia ainda afilhados, de batismo e crisma.

Minha mãe, a mulher mais forte espiritualmente que conheço, enfrentando toda e qualquer dificuldade com altivez e elegância. Ah, se não fosse ela, o que seria de nós, seus filhos. Simboliza o paradigma do amor materno, pra muitos o maior do universo.

Minha esposa, Rachel, que conheci em Natal, mas importei de SC, quase fronteira com a Argentina, que há tantos anos me completa e eventualmente agüenta meus estresses. Mas no geral, acho, talvez ela não, procuro ser um marido gentil e amoroso. Obrigado pela paciência, inclusive com o fato de eu ser irrequieto e *workaholic*, muitas vezes sacrificando o nosso convívio.

Mas deixei por último meus 4 filhos, e aqui falarei de improviso.

Carol, Carolzinha

Bárbara, Babinha,

Sofia, Fofólicia

Bentinho, finalmente veio meu filho varão.

Vocês consistem na maior razão de minha vida. O que seria de mim sem vocês. Cada um de vocês com suas características e igualmente amados. Os filhos são a nossa melhor e maior extensão. Não a toa é com eles que me sinto mais feliz. Não a toa, meu melhor programa é comer pizza com filhas e genros no domingo à noite. A singeleza do momento é incomparável.

Enfim, tenho todos os motivos do mundo para agradecer a Deus, a quem peço iluminação nesse momento e pelos que virão à frente do Tribunal. Obrigado, meu Deus. Lembro Shakespeare: chorei quando não tinha sapatos, mas parei de chorar quando vi um homem sem pernas. A vida está cheia de bênçãos, em alguns momentos esquecemos de agradecer”. Então, não quero ser esquecido: obrigado meu Deus, e obrigados a todos vocês que aqui vieram.

Natal-RN, 14 de janeiro de 2019.

*Bento Herculano Duarte Neto.*